

EDUCAÇÃO ECOLÓGICA: UM DESAFIO PARA NOSSOS DIAS

Pe. Josafá Carlos de Siqueira S.J.¹

Diante dos grandes desafios das mudanças climáticas, associado com a deterioração do processo educativo em razão da pandemia da COVID-19, fica evidente a urgência em repensar os princípios e metodologias que regem a educação em todos os níveis da escolaridade. Nos últimos anos, debates, discussões e publicações têm enfatizado que a dimensão fragmentada dos saberes científicos já não corresponde à realidade socioambiental em que vivemos, sendo necessário buscar caminhos apoiados num diálogo maior entre as diferentes áreas das ciências, onde interdisciplinaridade e transdisciplinaridade são fundamentais para resgatar a visão sistêmica da educação. Associado a este desejo, o processo educativo precisa estar articulado com as novas metodologias de um mundo mais digital, onde a internet e as redes sociais ocupam um lugar de destaque nas novas gerações de crianças e jovens.

No modelo educativo clássico, construídos a partir do surgimento das ciências modernas, os conteúdos foram se ensimesmando e criando barreiras de isolamento nas fronteiras do conhecimento, abrindo espaços para as múltiplas especializações com objetivos e metodologias próprias, levando progressivamente a uma perda da visão mais integradora da realidade socioambiental (SIQUEIRA, 2007, 2009). No horizonte de um mundo globalizado, interconectado e marcado com uma educação com conteúdos fragmentados, cresce a cada dia o desejo de repensar modelos mais interdisciplinares, pois somente assim podemos construir um processo educativo integrador, como objetivo de formar pessoas que possam enfrentar os grandes desafios sociais e ambientais que estão diante de nossos olhos.

Por outro lado, alguns pensadores atuais vêm mostrando que neste contexto socioambiental tão desafiador, não é mais possível viver num descompasso de racionalidades, onde a racionalidade técnico-instrumental, chamada por Max Weber de racionalidade de resultados, e por Habermas de racionalidade técnico-estratégica, com forte acento na dimensão quantitativa, se oponha à racionalidade axiológica, voltada para aspectos valorativos e qualitativos (GOMEZ-HERAS, 1997). Tal descompasso acaba acentuando a visão fragmentada, onde o fascínio técnico-utilitário tem a primazia em relação a outros valores humanísticos e ecológicos, impedindo que o processo educativo seja mais sistêmico e integrador. Se de um lado observa-se um fascínio atual ao acesso às

¹ Doutor em Biologia Vegetal e Professor de Ética Ambiental do Departamento de Biologia da PUC-Rio.

diversas mediações técnico-científicas, por outro, é possível detectar que o individualismo antropológico tem levado a uma perda de sensibilidade com o mundo circundante, sobretudo na relação com a natureza, embora haja um apreço teórico pelas questões ecológicas.

Tais realidades nos mostram que é preciso superar, através de uma educação socioambiental, esta visão fragmentada em que vivemos, enfatizando a importância de uma cosmovisão mais holística, onde a educação possa suscitar uma relação mais solidária entre as pessoas e o meio ecológico em que elas estão integradas. Para tanto, é necessário um processo de reeducação, buscando religar aquilo que está fragmentado, pois fomos criados para uma perspectiva mais unitiva e integradora da realidade socioambiental. Infelizmente, a ênfase na singularidade da liberdade tem gerado um individualismo exagerado, enfraquecendo a dimensão da pluralidade da liberdade humana, onde se dá a nossa tríplice relação com o Transcendente (Deus), com o cosmos (natureza) e com os outros em sociedade (SIQUEIRA, 2002).

A falta de uma relação mais profunda e existencial com a dimensão transcendente da existência vem gerando consequências, como o medo de opções mais definitivas e a busca imediatista em opções provisórias; o esvaziamento do sentido radical da existência humana; e a imanentização da realidade, com perda da dimensão vertical da vida humana. A falta de uma relação mais proximal e afetiva com a Criação, a natureza, tem resultado na teorização ambiental, onde as defesas manifestativas não correspondem às práticas contraditórias; a contradição entre o discurso ecológico ideal e a manutenção de uma visão utilitarista da natureza, onde o homem não é considerado um guardião, mas como dono e proprietário dos bens comuns da Criação. Por fim, a falta de uma relação mais profunda com as pessoas acaba dando espaço para um olhar superficial do ser humano, valorizando mais o ter do que o ser, e esvaziando a dimensão do fim para qual fomos criados, conforme nos ensina Santo Inácio de Loyola, no Princípio e Fundamento dos Exercícios Espirituais.

Na busca de uma educação ecológica que integre às dimensões sociológica, teológica e ambientais, não podemos deixar de sublinhar a importância da recente Encíclica *Laudato Si'*, onde o Papa Francisco nos exorta a buscarmos uma ecologia integral, com o objetivo de encontrarmos soluções para os graves problemas que afetam a nossa casa comum planetária. Nela podemos vislumbrar subsídios importantes para a educação formal e informal, convidando-nos às mudanças de hábitos e costumes que estão na contramão da sustentabilidade ecológica e social. Nesta perspectiva acreditamos que, como educadores, somos estimulados a repensar e reformular alguns dos valores que acompanham os nossos processos educativos. Elencamos, a seguir, os 10 valores que podem contribuir para uma educação socioambiental.

- 1) Uma educação que possa combater a cultura do descarte, tanto de pessoas que são excluídas na sociedade, como dos recursos da natureza que são desperdiçados pelo consumismo;
- 2) Uma educação que favoreça as estruturas acadêmicas interdisciplinares, quebrando os isolamentos dos campos dos saberes, e possibilitando que as diferentes especialidades possam dialogar e encontrar soluções para a complexidade dos problemas atuais;
- 3) Uma educação que resgate a visão sistêmica de mundo, permitindo perceber as múltiplas e intrínsecas relações entre as coisas; uma educação que enfatize o bem comum, como a interculturalidade, a justiça distributiva, a cultura da paz, os direitos humanos, o respeito pelas diferenças e o cuidado com a criação;
- 4) Uma educação que promova a defesa da biodiversidade, onde os biomas e ecossistemas sejam preservados, com prioridade às espécies vulneráveis e ameaçadas de extinção;
- 5) Uma educação aberta para os novos estilos de vida, mais simples e menos consumista, onde as alternativas sustentáveis sejam contempladas;
- 6) Uma educação que promova o diálogo intercultural e inter-religioso, sobretudo em temáticas voltadas para a preservação do meio ambiente, nossa casa comum planetária;
- 7) Uma educação que ajude na mudança de hábitos e a criação de costumes mais equilibrados e sustentáveis;
- 8) Uma educação que se abra para os novos paradigmas, onde a música, a poesia, a contemplação, o silêncio, a oração etc., são fundamentais no processo de humanização e espiritualização da pessoa humana;
- 9) Uma educação que combata o relativismo prático, não permitindo que as pessoas sejam tratadas como objetos e outras formas de exploração e diminuição da dignidade da pessoa humana, como filhos e filhas de Deus;
- 10) Uma educação que ajude na mudança e conversão dos contra valores que destroem o ser humano, robotizam a existência, criam isolamentos e vazios, devassam a natureza e acabam por não deixar um legado justo e fraterno para as gerações futuras (SIQUEIRA, 2016).

Tendo a escola como mediadora do processo de uma educação ecológica, cabe ao professor, como agente multiplicador dos valores socioambientais, criar as condições necessárias, a partir de metodologias criativas e inovadoras, motivando os alunos na

vivência dos valores acima explicitados. Algumas atividades são necessárias, como: despertar e motivar os alunos para descobrirem as inter-relações entre o social e o ambiental; permitir que os alunos façam, usando os recursos didáticos e eletrônicos, estudos e ações socioambientais interdisciplinares na escola e na comunidade; criar espaço de discussão e participação dos alunos em sala de aula, orientando os objetivos e metas a serem alcançadas; organizar atividades extra classe, onde os alunos possam desenvolver a percepção integrada da realidade socioambiental; permitir que os alunos tenham contato com a natureza circundante, usando os sentidos (ver, tocar, sentir), educando-os na observação de detalhes; estimular as atitudes e ações solidárias em favor das pessoas, do meio ambiente e da sustentabilidade planetária. Compete aos educadores a seleção de um conjunto de temas, problemas e abordagens, pois não existe fórmula pronta para aprender e ensinar (PINHEIRO, 2007), sobretudo quando se trata de um processo educativo sistêmico que envolve aspectos sociais e ambientais.

Finalmente, diante dos graves problemas sociais e ambientais que enfrentamos em escala global e regional, a melhor solução está em uma educação ecológica, pois somente através dela é que conseguiremos formar as atuais e futuras gerações para um modo de ser diferente, resgatando a visão sistêmica das múltiplas relações existentes na realidade. O aumento da consciência ecológica, sobretudo entre as crianças e jovens, é um fator positivo que favorece o processo educativo, abrindo perspectiva realista para criar uma maior consciência da importância dessa temática numa casa comum ferida, que precisa de ser curada. A educação ecológica é uma estrada segura para reeducar hábitos e criar novos costumes que sejam socialmente justos e ecologicamente sustentáveis.

Referências bibliográficas:

- GOMEZ-HERAS, José Maria. *Ética del medio ambiente*. Madrid, Espanha. Tcnos. 1997.
- PINHEIRO, Áurea da Paz. O educador como gestor do processo de ensino-aprendizagem. In: *Paisagens Educativas*, Teresina, PI, pp. 133-151. 2007.
- SIQUEIRA, Josafá Carlos. *Ética e Meio Ambiente*. São Paulo, Ed. Loyola, 2002.
- _____. A visão integradora da realidade socioambiental: a reeducação para o holos. In: *Paisagens Educativas*, Teresina, PI, pp.47-57. 2007.
- _____. *Ética Socioambiental*. Rio de Janeiro, RJ, PUC-Rio, 2009.
- _____. *Laudato Sí: Um presente para o planeta*. Rio de Janeiro, RJ, PUC-Rio, 2016.